

---

**Citação bibliográfica:** Trindade Júnior, S.-C. (2025). Cidades intermediárias na Amazônia brasileira: sociedade urbana, diversidade territorial e diferenciação sociocultural. *Ikara. Revista de Geografias Iberoamericanas*, (6). <https://doi.org/10.18239/Ikara.3625>

---

## **Cidades intermediárias na Amazônia brasileira: sociedade urbana, diversidade territorial e diferenciação sociocultural**

Saint-Clair Trindade Júnior <sup>1\*</sup> 

**Resumo:** O artigo aborda a urbanização da Amazônia brasileira e suas repercussões em distintas sub-regiões dessa porção do espaço nacional. Especificamente, por meio de pesquisa bibliográfica e documental e de observações *in loco* teoricamente orientadas, apresenta-se a difusão da sociedade urbana em quatro cidades representativas da diversidade regional, caracterizando-as em face do processo de produção social do espaço regional e urbano. Em seguida, analisa-se uma manifestação cultural tida como expressiva de cada uma dessas cidades, levando-se em conta a maior ou menor presença de valores urbano-metropolitanos na realidade local. Por fim, à guisa de conclusão, mostra-se a relação entre diversidade sociocultural, produção do espaço e os diferentes graus de difusão da sociedade urbana nessas realidades considerada da Amazônia brasileira.

**Palavras-chave:** cidades amazônicas; urbanização da sociedade; diversidade urbana; manifestações culturais.

### **Ciudades intermedias en la Amazonia brasileña: sociedad urbana, diversidad territorial y diferenciación sociocultural**

**Resumen:** El artículo aborda la urbanización de la Amazonía brasileña y sus repercusiones en diferentes subregiones de esta porción del espacio nacional. Específicamente, a través de investigaciones bibliográficas, documentales y observaciones *in situ* orientadas teóricamente, se presenta la difusión de la sociedad urbana en cuatro ciudades representativas de la diversidad regional, caracterizándolas frente al proceso de producción social del espacio regional y urbano. A continuación, se analiza una manifestación cultural considerada expresiva de cada una de estas ciudades, teniendo en cuenta la mayor o menor presencia de los valores urbano-metropolitanos en la realidad local. Finalmente, a modo de conclusión, se muestra la relación entre la diversidad sociocultural, la producción del espacio y los diferentes grados de difusión de la sociedad urbana en estas realidades consideradas de la Amazonía brasileña.

**Palabras clave:** ciudades amazónicas; urbanización de la sociedad; diversidad urbana; manifestaciones culturales.

### **Intermediate cities in the Brazilian Amazon: urban society, territorial diversity and socio-cultural differentiation**

**Abstract:** The article discusses the urbanization of the Brazilian Amazon and its repercussions in different sub-regions of this part of the national space. Specifically, through bibliographical and documentary research and theoretically oriented on-site observations, it presents the diffusion of urban society in four cities representative of the regional diversity, characterizing them in face of the process of social production of regional and urban space. Subsequently, it analyzes a cultural manifestation considered expressive of each of these cities, taking into account the greater or lesser presence of urban-metropolitan values in the local reality. Finally, by way of conclusion, the article highlights the relationship between socio-cultural diversity

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará (UFPA) (Brasil). \* Autor/a para correspondência: [stclair@ufpa.br](mailto:stclair@ufpa.br)

territorial arrangement and different levels of urban society's diffusion in these realities considered in the Brazilian Amazon.

**Keywords:** Amazonian cities; urbanization of society; urban diversity; cultural manifestations.



## 1. INTRODUÇÃO

A presente contribuição faz reflexões sobre o processo de urbanização e suas repercussões em distintas sub-regiões da Amazônia brasileira, as quais apresentam especificidades quanto à produção do espaço, ao perfil demográfico, às particularidades de suas cidades e à maior ou menor presença de frentes econômicas capitalistas que se apropriaram do espaço regional nas últimas décadas.<sup>2</sup>

Parte-se da noção de sociedade urbana, que aborda dialeticamente a relação forma-contéudo na perspectiva da produção social do espaço (Lefebvre, 1970); e de urbanodiversidade, sugerida como uma maneira de entender a pluralidade de formas espaciais e conteúdos urbanos presentes na formação regional amazônica (Trindade Jr., 2010). Ambas as noções ajudam a pensar a condição urbana diante da difusão, assimilação, resistência e reprodução, em diferentes graus, dos valores e comportamentos urbano-metropolitanos no plano sub-regional e local.

No sentido de compreender tais processos e relativizar uma possível padronização de elementos que definem a sociedade urbana em uma região como a Amazônia, toma-se como referência quatro cidades intermediárias, assim entendidas pelo papel de intermediação que assumem entre as metrópoles e os espaços locais, bem como pela importância econômica, política e/ou sociocultural em suas respectivas sub-regiões. São elas: Parintins, no Estado do Amazonas, e Santarém<sup>3</sup>, Bragança e Marabá, no Estado do Pará, todas sedes de Municípios de mesmo nome (Figura 1).

Inicialmente apresentam-se elementos que demarcam a urbanização da sociedade –a do plano das relações, valores, interações e comportamentos sociais – na Amazônia, e que é mais veloz que a urbanização do território<sup>4</sup>– a que ganha materialidade em formas e objetos espaciais. Para isso, considera-se a sua condição de fronteira econômica e sociocultural (Martins, 1996) do capital e a caracterização das quatro cidades representativas da diversidade territorial regional. Analisa-se, em seguida, uma manifestação cultural tida como expressiva de cada uma das cidades, levando-se em conta o grau de difusão de valores urbano-metropolitanos e seus impactos locais. Por fim, à guisa de conclusão, mostra-se a relação entre diversidade sociocultural, produção do espaço e diferentes formas de manifestação da sociedade urbana nessas realidades consideradas da Amazônia brasileira.

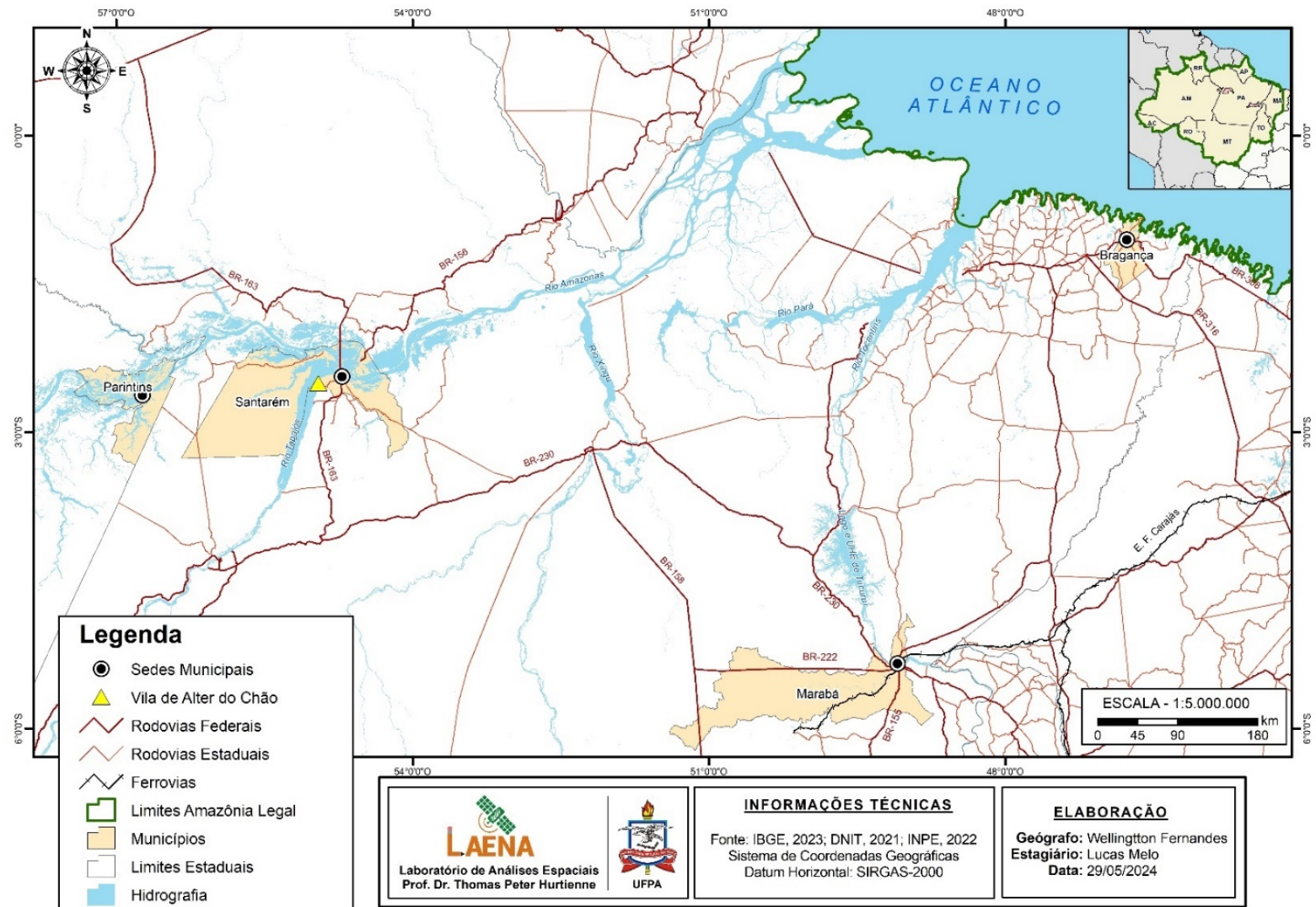
---

<sup>2</sup> Uma primeira versão das reflexões aqui sistematizadas foi apresentada como conferência magistral no II Simpósio Internacional Ciudades Para la Vida en la Amazonia, ocorrido de 1 a 4 de outubro de 2024, em Leticia (Colômbia), a ser publicada nos anais do referido evento; assim como, integrará, em formato diferenciado e ampliado, sob o título “Cidades, sociedade urbana e diversidade sociocultural na Amazônia brasileira”, o volume “Cidades, identidades e agendas públicas” da coletânea de publicações do Observatório Amazonidades, organizado por Ana Cláudia Duarte Cardoso e José Carlos Matos Pereira.

<sup>3</sup> Para o caso de Santarém, considera-se, além da própria sede municipal, a vila de Alter do Chão, estreitamente articulada àquela cidade como sua extensão para fins de lazer e turismo e onde ocorre uma das principais manifestações culturais objetos de análise.

<sup>4</sup> Corroborando essas premissas, Santos (1993) admitia, desde a década de 1990, que deixávamos de vivenciar uma mera urbanização da sociedade para adentrarmos também, agora, em uma fase de urbanização do território, posto que os nexos urbanos se fazem cada vez mais presentes na densidade técnica do território.

**Figura 1.** *Cidades de Parintins, Santarém, Marabá, Bragança e Vila de Alter do Chão: localização na Amazônia brasileira*



Fonte: elaboração própria.

## 2. CIDADES E DIFERENCIAÇÕES SUB-REGIONAIS DO ESPAÇO AMAZÔNICO

Ainda que bastante conhecida na teoria urbana crítica contemporânea, a noção de sociedade urbana apresentada por Lefebvre (1970) tem suscitado divisão entre os intelectuais que estudam a atual fase de urbanização da humanidade. Ao se falar de Amazônia, região onde grande parte da natureza se encontra pouco transformada, aquela proposição se apresenta ainda mais longe de ser consensual, tal o questionamento que se faz quanto à ideia de que o processo de urbanização do planeta tende a ser irreversível, haja vista a presença de outras expressões de existência humana que não têm como referências necessárias os conteúdos urbanos da vida moderna, sugerindo-se, assim, ser essa uma postura urbanocêntrica de interpretação do mundo.

Para Becker (1990, 1995), a expansão das relações capitalista na Amazônia a partir da segunda metade do século XX define uma espécie de fronteira urbana e de floresta urbanizada, associada à expansão da mais recente fronteira econômica capitalista no Brasil, que, segundo a autora, já nasce urbana, seja pela presença nela de cidades estratégicas para esse fim, seja pela forte difusão do modo de vida urbano na região. Nesse processo, que ocorre na porção setentrional do País, não há um só padrão de organização espacial; daí Browder e Godfrey (1997) apontarem que a urbanização na Amazônia é polimorfa, desarticulada e com diferentes formas de interação socioespacial e de formações microsociais híbridas.

Embora polêmica, a tese da floresta urbanizada de Becker (1990, 1995) parece não se distanciar muito daquilo que foi proposto por Lefebvre (1970) sobre a sociedade urbana. Os dois autores estabelecem entendimentos próximos sobre a importância da vida urbana como parte da expansão capitalista, mesmo em realidades bem diferentes. Não se trata, no caso amazônico, de domínio da cidade na paisagem, conforme muito bem chamou a atenção Oliveira (2000), mas de surgimento e crescimento de cidades e, principalmente, de expansão da vida urbana para além das metrópoles regionais, alcançando o campo, as vilas e as cidades de vários níveis.

É importante considerar, entretanto, que esse processo não é homogêneo para o conjunto regional, pois sugere maiores ou menores assimilações/resistências a serem entendidas. Nesse sentido, cabe acrescentar a dimensão sociocultural da fronteira, tida como "lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si", ainda que o conflito faça "com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, o lugar de descoberta do outro e do desencontro" (Martins, 1996, p. 27). Assim, as cidades, caracterizadas na Tabela 1, serão aqui analisadas a partir de processos de assimilação, resistência e reprodução social diferenciadas diante dos impactos da urbanização da sociedade, de suas inserções regionais e de suas articulações aos diferentes circuitos da economia urbana<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Santos (1979, 1994) admite a existência de três circuitos da economia urbana nos países do Sul global: o superior, o inferior e o intermediário ou superior marginal. Para esse autor, o circuito inferior corresponde às formas de reprodução social das populações mais pobres, reunindo características da economia popular, menos moderna, poucos investimentos e baseada na importância da força de trabalho e na reprodução econômica simples. O circuito superior relaciona-se às modernizações tecnológicas e organizacionais e a esquemas corporativos de reprodução econômica ampliada. Por seu turno, o circuito intermediário, ou superior marginal, aproxima-se de um e de outro desses circuitos. Do primeiro, pela modernização e a outros fatores de dependência, e, do segundo, dado o seu caráter subordinado e a sua vinculação às demandas mais locais e/ou regionais.

**Tabela 1.** *Cidades intermediárias na Amazônia brasileira: perfis e particularidades sub-regionais*

<b>Cidade (População*)</b>	<b>Ordenamento territorial sub-regional</b>	<b>Atividades e conteúdos urbanos</b>	<b>Nexos da sociedade urbana</b>
PARINTINS (65.000 hab.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sub-região de Parintins.</li> <li>▪ Articulação fluvial e aérea com a região.</li> <li>▪ Pouco impactada por frentes de modernização.</li> <li>▪ Forte relação com a vida ribeirinha e da floresta.</li> <li>▪ Economia tradicional ligada às potencialidades e recursos locais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Serviços/atividades de pouca complexidade e com fortes traços ribeirinhos.</li> <li>▪ Domínio do circuito inferior e intermediário da economia.</li> <li>▪ Carência de infraestrutura e problemas de moradia.</li> <li>▪ Padrão homogêneo e segregação socioespacial pontual.</li> <li>▪ Populações predominantemente de origem local.</li> <li>▪ Domínio do tempo lento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Grande influência de Manaus.</li> <li>▪ Nexos socioculturais fortes por meio do Festival Folclórico de Parintins, de alcance extrarregional.</li> <li>▪ Pouca presença de equipamentos modernos de natureza econômica e cultural.</li> </ul>
SANTARÉM (331.942 hab.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sub-região do Baixo Amazonas.</li> <li>▪ Articulação fluvial, rodoviária e aérea com a região.</li> <li>▪ Relativamente impactada por frentes de modernização.</li> <li>▪ Economia tradicional, ligada a povos/tradições da floresta; e moderna, voltada a grandes mercados.</li> <li>▪ Expansão da produção/circulação de grãos, da logística e do turismo associados a demandas globais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Diversidade interna, com padrões híbridos, atividades e serviços com densos traços ribeirinhos e modernos.</li> <li>▪ Justaposição e sobreposição dos três circuitos da economia.</li> <li>▪ Perceptível diferenciação interna e segregação socioespacial.</li> <li>▪ Presença de uma população de origem local e de migrantes recentes e do passado.</li> <li>▪ Convivência do tempo lento e do tempo rápido.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Influência de Belém e Manaus.</li> <li>▪ Difusão rápida e densa da sociedade urbana, de seus comportamentos e valores.</li> <li>▪ Presença de equipamentos modernos de natureza econômica e cultural.</li> </ul>
MARABÁ (215.000 hab.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sub-região do Sudeste Paraense.</li> <li>▪ Articulação rodoviária, ferroviária, aérea e fluvial com a região.</li> <li>▪ Projetos econômicos voltados a grandes mercados.</li> <li>▪ Grandes investimentos econômicos e infraestruturais visando ao dinamismo e à fluidez econômica.</li> <li>▪ Base produtiva apoiada na agropecuária, na indústria minerometalúrgica e no extrativismo vegetal e mineral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estrutura policêntrica: núcleos principais (Velha Marabá, Nova Marabá, Cidade Nova) e secundários (S. Félix, Morada Nova).</li> <li>▪ Convivência dos três circuitos da economia.</li> <li>▪ Pobreza generalizada, mas com setores seletivos no interior da cidade, revelando graus diferenciados de segregação.</li> <li>▪ Perfil populacional predominantemente de migrantes, originários de regiões brasileiras diversas.</li> <li>▪ Domínio do tempo rápido em detrimento do tempo lento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Influência de Belém e São Luís.</li> <li>▪ Difusão da sociedade urbana apoiada em valores do agronegócio e da mineração.</li> <li>▪ Presença de equipamentos econômicos e socioculturais modernos.</li> </ul>
BRAGANÇA (75.000 hab.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sub-região Bragantina.</li> <li>▪ Articulada pela rodovia e pela navegação litorânea.</li> <li>▪ Padrão de ocupação definido pela extinta Estrada de Ferro Belém-Bragança e pela colonização feita especialmente por migrantes do Nordeste do Brasil.</li> <li>▪ Permanência da economia tradicional.</li> <li>▪ Focos de modernização da economia relacionados a demandas do agronegócio e da pesca.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Densos traços do passado mesclados a valores modernos pontuais.</li> <li>▪ Domínio do circuito inferior e intermediário da economia, com alguma manifestação do circuito superior.</li> <li>▪ Domínio de classes de baixas e médias rendas, com pouca diferenciação interna e alguns indícios de segregação urbana.</li> <li>▪ Perfil populacional híbrido: valores e tradições de populações locais e de migrantes, mas com fortes raízes regionais.</li> <li>▪ Domínio do tempo lento em detrimento do tempo rápido.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Influência direta de Belém.</li> <li>▪ Esparsa difusão da sociedade urbana.</li> <li>▪ Forte presença de tradições, atividades e manifestações herdadas do passado.</li> <li>▪ Pouca presença de equipamentos modernos de natureza econômica e cultural.</li> </ul>

**Nota:** \*População aproximada, calculada a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024a, 2024b, 2024c, 2024d) com base na tendência de percentual de população concentrada na sede municipal.

Fonte: elaborado a partir de Trindade Jr. (2023) & Silva e Schor (2022).

Como núcleos urbanos intermediários da rede urbana regional, essas cidades também são responsáveis por intermediações de processos que difundem, com maior ou menor intensidade, os valores urbanos regionais e extrarregionais, quase sempre originados em aglomerações metropolitanas próximas ou distantes. Daí a preferência por essa denominação, em vez de cidades médias, pois não se equiparam necessariamente a outras cidades assim identificadas para o conjunto da rede urbana brasileira, seja pelo seu porte econômico, quase sempre dotadas de infraestruturas capazes de atender a demandas econômicas mais modernas; seja pelo patamar populacional, geralmente situadas no intervalo de 100 a 500 mil habitantes.

É nessa perspectiva de intermediação que as quatro realidades selecionadas nos ajudam a problematizar a diversidade territorial e urbana da Amazônia e, da mesma forma, permitem-nos visualizar diferentes repercussões e impactos da sociedade urbana em sub-regiões particularizadas dentro do conjunto regional, contribuindo para o entendimento da urbanodiversidade que se manifesta no espaço amazônico.

No intuito de visualizar tal diversidade, analisaremos, em cada uma das realidades apresentadas, um exemplo de manifestação cultural que as caracterizam. A ideia é compreender processos de mudanças e permanências que se fazem presentes em face do desenvolvimento geográfico desigual e diferenciado da Amazônia, que, por sua vez, tende a expressar a difusão de comportamentos e valores relacionados à dimensão cultural que se projeta desde realidades de fortes referências urbano-metropolitanas, a exemplo das três metrópoles regionais – Manaus, Belém e São Luís –, situadas, respectivamente, nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão.

As quatro sub-regiões e cidades, apresentadas como exemplos da regionalização interna e da diversidade urbana da Amazônia brasileira, ajudam-nos a problematizar a complexidade regional para além dos reducionismos recorrentes a respeito dessa região. As manifestações culturais, suas mudanças e permanências, revelam, ainda que parcialmente, elementos da urbanodiversidade amazônica, nem sempre percebida à primeira vista.

### **3. EXPRESSÕES CULTURAIS E DIFUSÃO DA SOCIEDADE URBANA NO ESPAÇO AMAZÔNICO**

Para a primeira cidade estudada, a manifestação cultural eleita foi o Festival Folclórico de Parintins. Bartoli e Oliveira (2022) consideram que a expansão da cidade nas últimas décadas é resultado do crescimento populacional e da consequente atividade urbana que se expressa por meio do setor terciário, mas sobretudo da estrutura que favorece a realização do Festival:

é muito significativo que os galpões onde funcionavam a Fabril Juta e a Cooperativa de Juta tenham sido ocupados pelos Currais do Boi Garantido e do Caprichoso, respectivamente. Estas atividades vinculadas ao Festival se transformaram num dos principais meios de circulação de recursos na cidade, especialmente a partir dos anos 80, com a construção do Bumbódromo. (Bartoli & Oliveira, 2022, p. 226)

Os currais, que remetem à temática dos bois, funcionam como sedes das agremiações que protagonizam o Festival: o Boi Garantido e o Boi Caprichoso. O Bumbódromo, derivado de *boi-bumbá*<sup>6</sup>, é uma espécie de arena onde acontecem apresentações no período do evento. Como manifestação cultural da região, o Boi nem sempre apresentou o mesmo perfil que hoje se vê em Parintins. Ela foi trazida do Nordeste do Brasil por migrantes que chegaram à região há mais de cem anos, como mão de obra arregimentada pela economia

---

<sup>6</sup> Chamado de *Bumba Meu Boi* no Nordeste do Brasil, e *Boi-Bumbá* na Amazônia, trata-se de manifestação da cultura popular brasileira de natureza cênica e que inclui música, dança e representações de personagens diversos (boi, vaqueiro, pai Francisco, mãe Catirina, músicos etc.) e narrativa sobre um casal de escravos, cuja mulher, grávida, desperta o desejo de comer língua de boi, levando seu esposo a matar um dos bois preferidos de seu senhor, que, inconformado, recorre a curandeiros e pajés para ressuscitá-lo. O desfecho resulta em festa e perdão do responsável pela morte do boi. Em Parintins – cuja manifestação cultural tem como personagens centrais o boi, a cunhã-poranga o amo do boi e outros –, ganha caráter de competição entre os bois Garantido e Caprichoso, assumindo a natureza de espetáculo, no qual a agremiação com melhor performance em quesitos predefinidos vence a competição, em disputa que lembra muito o certame competitivo das escolas de samba existente no Rio de Janeiro e São Paulo.

da borracha em seu período áureo na Amazônia, e, gradativamente, ganharam aspectos regionais, como elementos culturais indígenas, resultando em uma grande manifestação de ritmos, cores etc. no Bumbódromo, com brasões, bandeiras e temas originais, oriundos da criação de artistas locais e da tradição e paixão dos moradores pelos bois (Kozel & Souza, 2009):

contam que pessoas brincavam, representando personagens ou figuras, eram os bois-bumbás que saíam pelas ruas festejando e vendendo nas casas a língua do boi. Em troca da encenação da morte do boi, o dono da casa compraria a língua do animal, dando dinheiro aos brincantes. A brincadeira era acompanhada por batidas de tambor e cantos de toadas. Quando os brincantes ganhavam o espaço público, os bois acabavam se defrontando, muitas vezes, com brigas violentas. O festival foi criado em junho de 1966 para evitar esse confronto. Assim, passou a ser competitivo nas apresentações, de modo que acabou por conquistar a simpatia popular. O título era dado ao que melhor conseguisse fazer a apresentação.

Mais tarde, a demanda organizacional do evento atingiu níveis que exigiam critérios de julgamento e local apropriados. Em 1988, com recursos do governo do Estado do Amazonas, foi construído o Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes – Bumbódromo. Ele tem a capacidade para receber 35 mil espectadores, mas, mesmo quem não consegue um lugar na arquibancada, ainda pode recorrer aos telões que são colocados na parte de fora. A arquitetura do Bumbódromo possui detalhes na parte exterior que lembram o formato de um boi; o lugar, literalmente, divide a cidade ao meio, demarcando o limite dos Currais de Garantido e Caprichoso. (Freitas Gil & Gil Filho, 2009, p. 159)

A importância desse evento, que perdura o ano inteiro na atmosfera da cidade, revela-se desde seus bastidores, como a estrutura que se monta nos currais,<sup>7</sup> onde ocorre a preparação das agremiações para a apresentação no evento. Neste, dá-se a reconfiguração de toda uma cultura amazônica associada à vida ribeirinha que tem sua origem na forma de festa/festejo (Claval, 2009), mas que assume, cada vez mais, formato de festival,<sup>8</sup> espetáculo e mercadoria.

Nesse caso, trata-se de elementos da cultura local metamorfoseados em uma espécie de indústria cultural e voltada, em grande parte, para um público de fora. A engrenagem articulada em torno do evento tende a ratificar a difusão da sociedade urbana de grandes cidades brasileiras no interior da Amazônia, alterando-se a tradição local, uma vez que as referências destas, ainda que pautadas em uma cultura popular definida por meio de seu processo de formação histórica, assumem padrões de reprodução sociocultural com fortes referências metropolitanas.

Chama atenção a monumentalidade do Bumbódromo que, à semelhança dos sambódromos – espaços construídos para a apresentação das escolas de samba– do Rio de Janeiro e São Paulo, naqueles dias de junho/julho, materializa-se em forma de gente, de fantasias, de músicas, de ritmos e de imagens para o povo local, para a TV e para o mundo, cuja espacialidade se contrapõe flagrantemente à precariedade da vida urbana que se realiza nessa cidade amazônica marcada pela pobreza (Trindade Jr., 2021).

Muito se tem falado sobre a urbanização de Manaus, pautada na Zona Franca e nas indústrias montadoras que teriam pouco impactado a floresta. Se tal modelo pode, em tese, ter evitado um maior impacto no bioma amazônico, por outro lado, os valores urbanos a ele associados pouco dialogam com a cultura da floresta, difundindo-se mesmo no interior dela. Além de promoverem a concentração urbana em Manaus do ponto de vista econômico e populacional, geram outra forma de impacto regional, como o que

---

<sup>7</sup> O percurso pelos departamentos e setores de confecção e de preparação das fantasias/alegorias das agremiações, que também se tornou uma forma de atratividade turística, faz lembrar, de um lado, as visitas a linhas de montagem de grandes indústrias, e, de outro, os barracões de grandes escolas de samba (Trindade Jr., 2021).

<sup>8</sup> Para Bartoli e Oliveira (2022), ao ganhar projeção, o Festival se inseriu em um circuito nacional, incorporando-se ao mercado cultural com grande apoio de patrocinadores e de transmissão em rede nacional de televisão; fato este que transformou uma festa popular em um espetáculo, capaz de alçar Parintins a uma escala de projeção nacional e internacional. Isso acontece de tal forma que, hoje, quando se pensa em Parintins, remete-se a duas cores: o azul (Caprichoso) e o vermelho (Garantido). De tão forte, essa manifestação cultural faz com que marcas corporativas como as da Coca-Cola e do Banco Bradesco, por exemplo, adotem no período do evento logotipos com ambas as cores na publicidade regional.

se vê em Parintins, que assimila um modelo de sociedade urbana pouco afeito a particularidades regionais e, em grande parte, difundido por aquela metrópole regional.

A urbanização instalada em Manaus e a sociedade urbana nela presente tendem, assim, a se espalhar pela região em seus valores e comportamentos, conforme foi observado em Parintins (Trindade Jr., 2021). Nessa cidade, o Festival, que atende em muito a demandas de turismo, lazer e cultura metropolitanos, mostra-se pouco permeável ao potencial regional, cujo público principal tem origem na capital amazonense e em outros centros urbanos e metropolitanos.

Em razão disso, infraestruturas e serviços criados para esse fim pouco se voltam ao atendimento de necessidades locais, uma vez que se priorizam as demandas da sociedade urbana que em Parintins tendem a se territorializar. É o que acontece com a oferta de segunda residência para a população de Manaus que, em razão da espetacularização do Festival, cria espaços seletivos na cidade, como a Orla do Macurany, tida como o setor das mansões e de amenidades, dada a apropriação de elementos simbólico-ambientais que valorizam tais imóveis, diferenciando-os no conjunto da cidade (Bartoli & Oliveira, 2022).

Não é muito diferente o que se verifica em outra manifestação cultural que acontece em Santarém, ou mais propriamente em espaço que, mesmo descontínuo fisicamente, é, na verdade, extensão de seu tecido urbano, a Vila de Alter do Chão, às margens do Rio Tapajós, um dos principais afluentes do Amazonas. Com seus aproximados 6.000 habitantes, a vila constitui-se hoje um espaço famoso por suas praias de águas quentes e claras, destino turístico nacional e global, conhecido como “Caribe amazônico”, especialmente quando o jornal britânico *The Guardian* resolveu incluí-lo como um dos lugares mais atrativos do mundo (Phillips, 2009).

Nessa vila, ocorre anualmente a manifestação cultural do Çairé ou Sairé, tradicional festa popular amazônica analisada por Figueira (2014) e brevemente descrita em Trindade Jr. (2021). Nesta última descrição mostra-se essa manifestação cultural como uma festa religiosa-profana de aproximadamente trezentos anos e cujo ritual inclui ladainhas, danças, procissão e símbolos representativos da cultura local. O principal deles é o próprio Çairé, que dá nome à festa, uma espécie de andor, carregado durante o ritual, que lembra um estandarte feito de madeira e cipó, com características bem artesanais. Assumindo a estrutura de semicírculo, contém representações em forma de cruz e é todo ornamentado com fitas de cores diversas que recobrem a madeira da qual é confeccionado.

Tal manifestação possui traços indígenas mesclados a elementos religiosos católicos originados da cultura portuguesa. No festejo ganha destaque a montagem de dois mastros, que dá início à festa. Tais mastros são retirados, em forma de ritual, do interior da floresta, e, em seguida, enfeitados com frutas da região para homens e mulheres as disputarem separadamente. Segue-se o ritual religioso, com destaque para a procissão, na qual o Çairé é transportado por uma mulher e acompanhado de cantorias e instrumentos de percussão. Fazem parte também do ritual a ladainha, a manifestação em torno dos mastros, além de danças tradicionais pelos moradores da vila. O encerramento se dá com a “varrição da festa”, a derrubada dos mastros, o almoço de confraternização e a festa dos barraqueiros (Figueira, 2014; Trindade Jr., 2021).

Conforme mostrado na mesma descrição, desde o final da década de 1990, outro elemento foi introduzido no ritual do Çairé, a disputa dos botos, o Tucuxi e o Cor-de-Rosa, que, à semelhança do Festival de Parintins, buscam o melhor desempenho performático, não em torno da tradição dos bois, mas sim em lenda regional do boto amazônico, um peixe que se transforma em homem e que encanta as moças da região; momento em que, na esteira do Festival do Boi, sai vencedora a agremiação que obtiver melhor pontuação nos diversos itens considerados para avaliação e desempenho.

Durante o período da festa, a disputa dos botos é o que mais parece despertar atenção entre os visitantes. A presença destes nos demais eventos da festa é praticamente irrisória, sendo, cada vez mais, a festa do Çairé confundida com a competição dos botos. De forma a atender a uma demanda externa impregnada de valores da sociedade urbana, a vila se reinventa, voltando-se para o turismo programado, para a performance dos botos e para a publicidade de jornais, sites, revistas etc. que a projetam globalmente (Trindade Jr., 2021). Apesar disso, a festa em sua versão mais original permanece, mas, diferente do festival dos botos —que se

massifica e que ganha, à semelhança do Bumbódromo, um Sairódromo para a apresentação das agremiações—, tem pouca visibilidade, limitando-se, cada vez mais, aos antigos moradores locais.

Nesse caso, o que se vê é o Baixo Amazonas, caracterizado pela hibridez de seu processo de ocupação e de produção do espaço, vivenciar o embate de mudanças e permanências que têm definido essa realidade sub-regional, fruto de sucessivas frentes de expansão que implicaram não apenas em transformações econômicas e em formas de mobilidade intrarregional, mas também em assimilação de novos valores da sociedade urbana, voltada notadamente para o mercado e para demandas externas em detrimento das tradições socioculturais locais.

Em outro extremo, pode-se situar a cidade de Marabá. Dada a sua condição de espaço de destino migratório de pessoas e culturas de origens distintas atraídas por frentes econômicas de expansão na região amazônica, e o fato de fazer parte de uma sub-região de intensas transformações, os vínculos locais com o passado se mostram mais rarefeitos. Assim, não há uma manifestação cultural que configure, de fato, uma identidade coletiva de referência, não obstante a existência de várias manifestações culturais, mas com pouca repercussão no plano de uma referência identitária sub-regional, a exemplo do que acontece com o Festival dos bois em Parintins e com a Festa do Çairé em Santarém. Provavelmente, algumas das manifestações culturais mais representativas da cidade sejam mesmo as feiras de exposição agropecuária, que acabam mobilizando a população local em torno de várias atrações.

Nunes (2015) buscou mostrar o grau de articulação da população local em torno de uma dessas manifestações, a Exposição Agropecuária de Marabá (Expoama), tida como uma das mais expressivas do sudeste paraense. Ligada diretamente ao destaque que a agropecuária ganhou no plano sub-regional, sua primeira versão, sob a iniciativa do Sindicato Rural de Marabá, ocorreu na década de 1970, sendo uma das primeiras do gênero no Pará, realizada, de 1976 a 1984, no então recém-inaugurado Parque de Exposições Agropecuárias de Marabá. Foi concebida com o objetivo de reunir os principais grupos econômicos ligados à atividade agropecuária, trocar experiências e estabelecer alianças e estratégias para esse setor econômico.

Entre 1985 e 1998 o evento deixou de ser realizado, mas, com a apropriação das feiras agropecuárias pela indústria cultural, inspirada notadamente na Festa da cidade de Barretos, no Estado de São Paulo, e sob a iniciativa agora dos Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá (SPRM), em 1999 a Expoama foi, então, reinaugurada, mantendo o mesmo nome, como uma forma de invocar uma espécie de tradição, dando-se continuidade ao número de sua edição, ainda que em um novo parque de exposição, localizado no Distrito Industrial de Marabá (Nunes, 2015).<sup>9</sup>

Ainda segundo Nunes (2015), além da Feira propriamente dita, foi acrescida naquele mesmo ano a I Grande Cavalgada, que consiste em um desfile de cavalos, cavaleiros e amazonas, realizado alguns dias antes da abertura da Feira, e apresentando-se como o ato que marca o início da temporada *country* e do agronegócio na cidade. Caravanas de Marabá, mas também de municípios próximos, e mesmo de outros estados, participam desse ato, que tem, ao final, um grande churrasco de comemoração do desfile e de confraternização dos grandes produtores rurais da região. Também integram a Expoama shows e eventos outros, tidos como contrapartida social da organização à população local, que também apoia a iniciativa com ajuda financeira e infraestrutural do poder público.

Nunes (2015) acrescenta que a Cavalgada é um desfile principalmente da elite local —homens, mulheres e crianças vestidos ao estilo *country*, com camisas quadriculadas, calças jeans, cintos com grande fivela, chapéus de *cowboy* e botas—, com apelos importados de outros países, principalmente dos Estados Unidos, muito comuns em outros eventos similares em todo o Brasil. A esse grupo se juntam as demais frações da população local que se reúnem às margens das ruas e avenidas para fotografar, filmar e observar a passagem

---

<sup>9</sup> No parque de exposição de Marabá, conforme Nunes (2015), a Expoama tem os seguintes elementos: estábulos, onde ficam os animais a serem leiloados; o tartesal (local destinado aos leilões de animais); o espaço do SPRM; a pista de prova equestre; os bancos para assento, com registro dos nomes dos principais colaboradores; a arena de shows, que comporta apresentações de bandas nacionais e a etapa de prova de rodeio; os estandes de empresas expositoras; e a praça de alimentação. O SPRM disponibiliza aos interessados o direito ao uso de espaços do parque no período da Feira mediante pagamento, feito de acordo com o tamanho e a localização.

dos cavaleiros e amazonas, que acenam; e dos bois, das carroças e dos cavalos que, visando à espetacularização do evento, buscam atrair a atenção da população em geral, estimulando nela o consumo material e simbólico de elementos ligados à modernização econômica e cultural do campo. Mostra a mesma autora que os “mais bem trajados” são premiados pela organização do evento.

A exemplo de formas de assimilação cultural já mostradas anteriormente para outras sub-regiões, no caso de Marabá, esse evento cultural, ainda que esteja pautado em referências tidas como agrárias e do campo, é portador de valores e comportamentos que se projetam como parte da difusão da sociedade urbana, que serve, inclusive, de inspiração de conteúdos agrários tidos como modernos. Nesse contexto, a nova racionalidade que chega a essa região articula a várias escalas, onde esses valores são originados, como o apelo *country* norte-americano e o modelo da Festa de Barretos, no Estado de São Paulo, que tem o mesmo apelo da indústria cultural.

Conforme conclui Nunes (2015), a relação cidade-floresta, existente no passado em uma sub-região amazônica como o Sudeste Paraense, passa a ser negada, tanto do ponto de vista econômico quanto cultural, através de feiras como a Expoama, que passam a traduzir a força do circuito superior da economia (Santos, 1979) e da programação da vida cotidiana (Lefebvre, 1991) no plano regional e local, dadas as novas frentes de expansão (Becker, 1990, 2004) e as necessidades estabelecidas pela forma de reprodução capitalista que aí se instalam.<sup>10</sup>

Diferentemente da realidade do sudeste paraense, tem-se a configuração urbano-cultural de maior expressão da região Bragantina. Nesse caso, o destaque é a festa da Marujada de São Benedito<sup>11</sup>, na cidade de Bragança, uma das principais cidades de sua sub-região e que tem nessa festa uma importante marca de sua identidade.

Conforme descrição feita sobre essa festa (Trindade Jr., 2021), a origem da referida manifestação religiosa e cultural, segundo a história oral local, deu-se no final do século XVIII, quando os senhores brancos, em atenção ao pedido de seus escravos, permitiram a organização de uma festa e de uma irmandade em homenagem a São Benedito. Entende-se tal pedido, pois, nas festas de fim de ano, os senhores comemoravam o Natal sem, provavelmente, incluírem os negros, que, por isso, resolveram, sob a permissão e o controle de seus senhores, fazerem sua própria festa e homenagear o Santo Preto que carregava o menino Jesus nos braços.

Em agradecimento à permissão, os negros passaram a cantar e a dançar de casa em casa e aproveitavam para fazer a esmolação, pedidos de doações para a festa em nome do santo homenageado, permanecendo tal prática até hoje nos meses que antecedem à grande manifestação cultural, e que possibilitaram, juntamente com outras doações, a construção da igreja de São Benedito; igreja esta que, de certa forma, passou a “rivalizar” com a principal, a do Rosário, dado o grande número de devotos. Nesse contexto, são relatadas situações de conflito entre a Irmandade de São Benedito e o poder eclesiástico local, dentre outras razões, pela projeção e pela forma que assumiu aquela manifestação religiosa, com fortes elementos de sincretismo cultural e de articulação entre o sagrado e o profano.

Além da esmolação, outros eventos (a procissão fluvial da localidade de Camutá até o porto de Bragança, os ensaios da Marujada, a Alvorada, o erguimento do mastro, a cavallhada, o leilão, o almoço, a derrubada

---

<sup>10</sup> A relação cidade-floresta passa a ser um simulacro na forma como a preservação da floresta é tratada, seja em sua dimensão ambiental, seja na nova expressão cultural definida pelos valores trazidos pelo agronegócio, que a converte em pastos e campos de cultivo. Ligada ao circuito das feiras de exposição, serve, ainda, no sudeste paraense, de modelo para os organizadores de eventos semelhantes em outros municípios, assumindo mesmo caráter de formação, pois induz a população a aprender sobre a importância do agronegócio e seus valores para a economia da cidade e da região (Nunes, 2015).

<sup>11</sup> Trazida de Portugal para o Brasil, a Marujada relaciona-se ao contexto das grandes navegações dos séculos XVI e XVII, sofrendo adaptações em terras brasileiras. Em Bragança, acontece há mais de duzentos anos, de modo que o auge da celebração ocorre sempre no final de dezembro, mais precisamente do dia 18 a 26 desse mês, ainda que as comemorações acabem por se estender até o início de janeiro. Os preparativos, entretanto, começam ainda no primeiro semestre, quando “comitivas” saem pela cidade e entorno para arrecadar doações que têm como objetivo reunir recursos para a realização da festa (Trindade Jr., 2021).

do mastro, o abraço à igreja etc.) integram a manifestação cultural, que culmina no dia 26 de dezembro, quando ocorre a procissão. Nela, homens e mulheres saem às ruas da cidade compondo um cortejo que segue o andor de São Benedito e que chega a reunir aproximadamente 100.000 pessoas, incluindo moradores da sede municipal, mas também de toda a sub-região, além de turistas e visitantes, muitos deles de origem bragantina e que voltam à sua terra natal ou de seus parentes para o festejo anual.

Faz-se importante destacar que São Benedito é tido como um santo da praia, pois a cidade faz parte da Amazônia atlântica; dos campos, uma vez que há campos naturais na região Bragantina; e da colônia, haja vista a sua colonização por migrantes, especialmente nordestinos, assentados ao longo de uma extinta ferrovia, a Belém-Bragança.

Em descrição feita sobre essa festa (Trindade Jr., 2021), é mostrada como a paisagem da cidade se transforma; momento em que, ao traçado colonial de sua área mais central e à arquitetura de seus prédios históricos, junta-se a presença vistosa de marujos e marujas<sup>12</sup>. Entre os devotos que acompanham a procissão, há pessoas que se pintam de preto, lembrando São Benedito; os que carregam bandeiras e estandartes com referência ao santo; os tocadores, com instrumentos de sopro, corda e percussão; dentre outros.

Diferentemente das outras manifestações culturais consideradas, esta preserva mais elementos de seu passado, sendo poucas as alterações visivelmente presentes por ocasião de seus rituais. Isso acontece inobstante a relativa proximidade da metrópole belenense, conectada por via rodoviária; e por se verificar, gradativamente e pontualmente, frentes econômicas mais modernas, como aquelas ligadas ao agronegócio, à pesca industrial e aos serviços, associados, por exemplo, ao turismo e ao comércio, que difundem, seletivamente, mas ainda sem grandes impactos locais, os valores e comportamentos de uma sociedade urbana moderna.

O período principal de festejos, coincidente com as festas natalinas e de pouca circulação de turistas, mas também o enraizamento cultural presente nessa sub-região, talvez expliquem, em parte, essa força de permanência, que se diferencia das outras realidades aqui relatadas, onde a sociedade urbana parece bem mais difundida na vida local.

#### **4. À GUIA DE CONCLUSÃO: A SOCIEDADE URBANA E A DIVERSIDADE TERRITORIAL E SOCIOCULTURAL**

A análise das quatro realidades apresentadas nos permite estabelecer algumas conclusões sobre a relação entre sociedade urbana, diversidade territorial e diferenciação sociocultural. As cidades mais impactadas por frentes capitalistas de expansão tendem a apresentar menor força de permanência quanto às tradições culturais, como se vê em Marabá, no sudeste paraense, a mais suscetível à padronização do lazer, da festa e da cultura, onde aquelas frentes chegaram com maior intensidade, trazendo não só agentes capitalistas, como também migrantes em busca de trabalho e de novas oportunidades de vida.

Aquelas outras, como Santarém, no Baixo Amazonas, onde o que chega e o que permanece tendem a se justapor e a se contrapor, fazem com que tais expressões culturais se mostrem mais contraditórias, havendo tanto a manutenção da força cultural do passado, mas que tende a se tornar mais vulnerável, quanto a

---

<sup>12</sup> As mulheres vestem saia vermelha rodada e comprida, blusa branca e faixa larga vermelha cruzando o corpo, rosa de tecido vermelha no peito e chapéu de borda dourada de altura incomum – feito de palha, com armação em arame, forrado de tecido branco e com flores de pena de pato, e fitas coloridas que caem pelas costas e ornado com pequenos enfeites redondos coloridos distribuídos por todo o chapéu. Os homens, dirigidos por um capitão, vestem calça e camisa brancas, chapéu de pano branco com faixa vermelha, com aba virada para um dos lados, onde se tem uma rosa vermelha, e, ainda, fita vermelha amarrada em forma de laço em um dos braços. Todos, em geral, caminham com os pés descalços. A cor vermelha só é substituída pela azul em manifestações como a do dia 25 de dezembro, que homenageia o nascimento de Jesus. O protagonismo da mulher chama a atenção, a exemplo da juíza, a que oferece o almoço principal, e da capitoa, a mais idosa do grupo. Esta última ocupa cargo vitalício, sendo a autoridade central da festa, exercendo tal função até a morte ou até a sua renúncia; situações nas quais a subcapitoa a substitui, recebendo o bastão, que simboliza direção, autoridade e importância. Na procissão, duas filas são formadas, tendo à frente a capitoa e a subcapitoa, que comandam o cortejo (Trindade Jr., 2021).

inovação cultural, que traduz outras demandas da sociedade urbana não local, manifestando elementos mais ou menos pacíficos ou conflitivos.

Por outro lado, há expressões culturais não tão distantes de realidades metropolitanas que tendem a conservar certa força de permanência, como a Festa da Marujada em Bragança que, relativamente próxima de uma metrópole como Belém e com grande influência desta, tende a se manter em suas traduções culturais; fruto, provavelmente, do processo de ocupação territorial mais consolidado, com fortes heranças do passado e ainda sob pouca influência de frentes de modernização recentes e de densificação técnica do território. Soma-se a isso, o fato de que o período de realização da festa seja pouco propício à massificação turística, limitando-se mais à população local ou a um público de fora, mas com laços afetivo-identitários com essa região.

Por fim, o Festival de Parintins permite-nos constatar que, mesmo em uma região onde a circulação fluvial é dominante e o processo de ocupação apenas parcialmente foi afetado por frentes econômicas, a presença da sociedade urbana com referências extralocais e demandas metropolitanas não é irrisória. Estas se projetam principalmente a partir de Manaus e também de metrópoles nacionais e mercados turísticos globais, conferindo visibilidade a essa cidade, capturada por interesses corporativos externos.

Esse fato nos faz pensar na metáfora da floresta urbanizada, uma vez que as articulações de fluxos na região sempre foram privilegiadas, mesmo quando apenas são utilizados pontualmente os lugares para a extração e circulação de produtos, conforme mostram Becker e Stenner (2008). A floresta urbanizada, nesse caso, é a maior expressão desse processo, pois remete à concentração da população em pontos específicos, em cidades estratégicas no conjunto regional, sem necessariamente apresentar atividades territoriais contíguas na massa florestal. O mesmo não acontece com relação aos valores e comportamentos por ela, e a partir dela, projetados, que se espalham, com certa fluidez, extensivamente por todo o espaço regional (Becker; Stenner, 2008).

Raciocínio próximo a esse é visto se tomarmos como referência a expansão da sociedade urbana (Lefebvre, 1970). Esta última, mesmo ainda sem alcance planetário definitivo, em muito sugere tendências nesse sentido, se considerados os valores e formas de reprodução sociocultural que, com apelos globais e projetados a partir de realidades urbanas consolidadas, adentram de maneira fluida nos mais diferentes espaços, como naqueles onde a natureza ainda foi pouco alterada e nos quais a vida local possui forte ligação com as ruralidades e o tempo lento da floresta e dos rios.

As cidades mais impactadas por frentes de expansão, portanto, tendem a apresentar uma maior presença dessa sociedade urbana, em razão da chegada de novos agentes e de formas de reprodução ampliada do capital e da produção capitalista do espaço em sua versão mais atual, assim como, pela presença de um perfil demográfico com menor identidade em relação aos valores da floresta. Diferem-se, portanto, daquelas outras onde essa identidade é maior, seja em razão de menores impactos de frentes econômicas, de modernização e densidade técnica territorial, seja pela força de permanência dos laços identitários e da história cultural local e sub-regional.

Por outro lado, realidades híbridas tendem a justapor ou a sobrepor mudanças e permanências; justaposição e sobreposição essas que ocorrem sob forte tensão e com a recorrência de conflitos de natureza econômica e cultural entre a sociedade urbana, que se impõe, e as raízes histórico-culturais, que resistem. Não se trata, portanto, de dinâmicas diretamente relacionadas à maior ou menor proximidade de grandes centros urbanos e metropolitanos, mas, sobretudo, à maior ou menor resistência histórica, cultural e identitária em face da sociedade urbana que se difunde, conforme se buscou mostrar na presente análise através das manifestações culturais existentes nas quatro realidades urbanas e sub-regionais apresentadas.



**Agradecimentos:** Agradeço a Helbert Michel Pampolha de Oliveira e a Gabriel Carvalho da Silva Leite pela revisão formal do texto e pelas sugestões de ajustes e aprimoramentos.

**Declaração responsável:** O autor declara que não existe conflito de interesses em relação à publicação deste artigo.

## 5. REFERÊNCIAS

- Bartoli, E., & Oliveira, J. (2022). A cidade arquipélago: expansão e morfologia urbana de Parintins. Em Silva, W. R. & Schor, T. (Eds.), *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Resende e Parintins* (pp. 207-228). Consequência.
- Becker, B.K. (1990). *Amazônia. Ática*.
- Becker, B.K. (1995). Undoing myths: the Amazon – an urbanized forest. Em M. Clüsener-Godt & I. Sachs (Eds.), *Brazilian perspectives on sustainable development for the Amazon region* (pp. 53-89). UNESCO.
- Becker, B.K. (2004). *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Garamond.
- Becker, B.K., & Stenner, C. (2008). *Um future para a Amazônia*. Oficina de Textos.
- Browder, J., & Godfrey, B. (1997). *Rainforest cities: urbanization, development and globalization of the Brazilian Amazon*. Columbia University Press.
- Claval, P. (2009). A cultura ribeirinha na Amazônia: perspectivas geográficas sobre o papel de suas festas e festejos. Em S. Kozel, J.C. Silva, R. Filizola & S.F. Gil Filho (Eds.), *Expedição amazônica: desvelando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas – “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”* (pp. 35-61). SK Editora.
- Figueira, C.L. (2014). *Festa popular na Amazônia: Sairé, a reinvenção da tradição em Alter do Chão (PA) (1973 a 1997)* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil). <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/12849/1/Claudia%20Laurido%20Figueira.pdf>
- Freitas Gil, A.H.C., & Gil Filho, S. F. A representação do cotidiano na festa de Parintins – uma abordagem sociointeracionista. Em S. Kozel, J.C. Silva, R. Filizola & S.F. Gil Filho (Eds.), *Expedição amazônica: desvelando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas – “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”* (pp. 145-165). SK Editora.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024a, 23 de maio). *Cidades: Parintins*. <https://cidades.ibge.gov/parintins>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024b, 24 de maio). *Cidades: Santarém*. <https://cidades.ibge.gov/santarem>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024c, 24 de maio). *Cidades: Marabá*. <https://cidades.ibge.gov/maraba>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024d, 24 de maio). *Cidades: Bragança*. <https://cidades.ibge.gov/braganca>
- Kozel, S., & Souza, L.F. (2009). Parintins, que espaço é esse? Representação espacial sob a ótica do morador e do visitante. Em S. Kozel, J.C. Silva, R. Filizola & S.F. Gil Filho (Eds.), *Expedição amazônica: desvendando espaço e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”* (pp. 117-143). SK Editora.
- Lefebvre, H. (1970). *La révolution urbaine*. Gallimard.
- Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. Ática.
- Martins, J.S. (1996). O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. *Tempo Social*, 8(1), 25-70. <https://www.scielo.br/j/ts/a/87HYbTyy3WqHHt49HTWJNjb/?format=pdf&lang=pt>

- Nunes, D.A. (2015). *Feiras-livres e feiras de exposição: expressões da relação cidade-floresta no sudeste paraense* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Brasil). <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7860>
- Oliveira, J.A. (2000). *Cidades na selva*. Valer.
- Phillips, T. (2009, 15 de abril). Top 10 beaches in Brazil: Alter do Chão, Pará. *The Guardian*. [www.theguardian.com/travel/2009/apr/15/beach-brazil.top-10](http://www.theguardian.com/travel/2009/apr/15/beach-brazil.top-10)
- Santos, M. (1979). *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Francisco Alves.
- Santos, M. (1993). *A urbanização brasileira*. Hucitec.
- Santos, M. (1994). *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: Educ/Hucitec.
- Silva, W.R., & Schor, T. (Eds.) (2022). *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Resende e Parintins*. Consequência.
- Trindade Jr., S-C.C. (2010). Diferenciação territorial e urbanodiversidade: elementos para pensar uma agenda urbana em nível nacional. *Cidades*, 7(12), 227-255. <https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/cidades/article/download/12587/8071>
- Trindade Jr., S-C.C. (2021). *Vilas e cidades da Amazônia: paisagens, memórias e pertencimentos*. Paka-Tatu.
- Trindade Jr., S-C.C. (2023). Regionalização, cidades e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. *Acta Geográfica*, 1(43), 222-239. <https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/8062/3959>